

# Desenvolvendo um pensamento vivo mediante uma didática sócio psicodramática

*Maria Alicia Romaña<sup>1</sup>*

“O vaivém, o tecer e urdir juntamente, são movimentos do pensar, mas não devemos confundi-los com a riqueza e o brilho da experiência humana em si, ou com o enigma que chamamos de natureza, no qual a experiência humana está inserida, sendo também sua morada”

Matthew Lipman

## Antecedentes, uma rápida resenha

No final da década de 60, depois de vários anos lecionando matérias pedagógicas em diversos cursos de magistério e dando vazão a uma forte influência das idéias de Dewey, acabei compondo um método de trabalho para tratar os conteúdos curriculares, o qual denominei *Método Educacional Psicodramático*. Recebi a influência de Dewey: 1) na infância através de uma escolaridade realizada no departamento de aplicação experimental de algumas escolas de magistério argentinas comprometidas com a didática da Escola Nova (Escuela Normal Nacional de San Fernando, província de Buenos Aires; e Escuela Normal número 6 de la Capital Federal); e 2) pela via de estudos específicos da didática deweyniana, realizados durante e após minha formação em Pedagogia na Universidade de Buenos Aires.

Mais adiante, por volta de 1963, tive a oportunidade de participar de algumas sessões de psicodrama terapêutico, que me permitiram dimensionar as possibilidades de aplicação deste em situações de sala de aula. Acho importante não desvincular essas influências, porque o Psicodrama expressa, entre outras coisas, as idéias do pragmatismo que também aparecem marcadamente na obra de Dewey. No meu caso em particular, a estas influências agregaram-se posteriormente uma visão fenomenológica de mundo e uma prática pedagógica dialética. Com esses ingredientes foi sendo composta uma ação pedagógica especialmente voltada à didática, que inicialmente chamei de *Psicodrama Pedagógico*. O que me parece verdadeiramente relevante nesta prática é o fato de ela estar direcionada para aproximar o saber adquirido da experiência vivida, e vice-versa.

## **As abordagens sócio-psicodramáticas**

Apesar do nome genérico “Psicodrama” designar todo tipo de prática desenvolvida com a utilização das técnicas e do repertório dramático, fazem-se necessários alguns esclarecimentos. O Psicodrama foi criado por Jacob Levi Moreno nas primeiras décadas deste século. De modo geral, pode ser definido como um método de trabalho em grupo que se sustenta operacionalmente a partir da utilização de algumas técnicas específicas. As mais utilizadas são: inversão de papéis, solilóquio, espelho, duplo, simbolização e interpolação de resistências. Cada uma delas pretende provocar algum tipo de reação diferente nos participantes (Moreno, 1975).

Necessário também é esclarecer que, atualmente, fazemos a distinção entre um modelo terapêutico de trabalho – que foi o objetivo central do esforço de Moreno, e um outro, com foco na educação, que fomos introduzindo a partir dos anos 60.

Voltando a falar das técnicas, é bom lembrar que elas são sempre usadas dentro de cenas, no espaço dramático. Portanto, elas estão contextualizadas e referidas ao desempenho de papéis dentro de cenas vividas no contexto do “como se”, mas representando diretamente a realidade. Em alguns casos as cenas fazem referência a situações que ocorrem no presente; em outros casos são lembranças de cenas passadas; em outros ainda, são projeções de realização de desejos futuros. Em todos esses contextos temporais, as cenas estão inseridas num **tecido psicodramático**, que pode vir a ter características diversas, como explicarei mais adiante.

### **Descrevendo as técnicas psicodramáticas**

Podemos dizer que a inversão de papéis é a técnica psicodramática por excelência. Apenas a partir dela oportuniza-se a possibilidade de vivenciar o papel do outro dentro de uma cena ou na dramatização como um todo. Assumir o papel de alguém “outro”, pode dar a uma pessoa a oportunidade de vir a compreender condutas e sentimentos alheios, e mesmo a intencionalidade dos atos de outrem. Na utilização didática, a inversão de papéis é um excelente recurso para se compreender a realidade tanto de outras pessoas (como no caso de personagens históricos, literários, habitantes de outros lugares, integrantes das estruturas políticas, pessoas de outras gerações, de outras profissões, etc.), como também de conceitos – como no caso de uma fórmula química, uma estrutura gramatical, a composição de um organismo vivo, a composição de

uma música, de uma teoria, ou ainda a realidade na perspectiva das plantas e dos animais. O solilóquio acrescenta à inversão de papéis a possibilidade de falar alto o que se está pensando no momento em que se desempenha um papel. Já o espelho é um recurso que mostra a expressão corporal (e gestual) daquele que está sendo espelhado para que ele possa perceber suas características mais evidentes naquele momento ou situação. Este recurso cria um campo tenso entre o espelho e o espelhado. Porém, caso seja bem dirigido e executado com ternura e simpatia, pode vir a produzir cumplicidade e aceitação (Moreno, 1975).

Já o duplo, ao contrário do espelho, não mostra frente a frente as características mais importantes. Neste caso, quem faz a dublagem se posiciona do lado do personagem-ator, e vai incorporando falas e gestos que ele acha que estão sendo emitidos pelo que está sendo dublado. A simbolização pode ser utilizada quando se tem como objetivo a construção de estátuas (fixas ou em movimento) que mostram sentimentos e sensações. Segundo Moreno (1975), no caso da interpolação de resistências, o que se deseja é produzir uma mudança radical na cena que estiver acontecendo, para provar a consistência dos papéis desempenhados e a tolerância ao fator surpresa dos participantes. Ela consiste na introdução de um personagem inesperado em cena, com a conseqüente reformulação e reorganização desta.

### **Tecidos ou complexos sócio-psicodramáticos**

Da mesma forma que as técnicas psicodramáticas aparecem contextualizadas dentro das cenas ou dramatizações, estas encontram-se contextualizadas dentro de modalidades de trabalho psicodramático, que estou denominando de **tecidos ou complexos psicodramáticos**. Estes complexos psicodramáticos são o role playing, o sociodrama, os jogos dramáticos, o jornal vivo, o teatro espontâneo e o método educacional psicodramático. (Figura 1)

### **Caracterizando os tecidos ou complexos psicodramáticos**

Podemos afirmar que o role playing permite ao diretor pesquisar a problemática do desempenho de determinado papel e de seus complementos. A partir do relato do protagonista criam-se as cenas necessárias para realizar a pesquisa do ambiente e da interação. O role playing aplica-se a papéis relacionados com a estrutura familiar, social, profissional, educacional, política etc. Essa abordagem permite realizar diagnósticos e rematizar os papéis, tornando-os mais flexíveis e melhor sintonizados com a circunstância de vida do protagonista.

Figura 1 -- O tecido ou complexos psicodramáticos



Já o sociodrama é um tecido psicodramático indicado para se pesquisar uma determinada problemática ou temática em relação a um grupo. Parte-se de uma atividade que permita subdividir o grupo para que cada sub-grupo venha a produzir uma resposta dramática à questão ou inquietação central, inicialmente colocada de modo geral. Definimos a resposta dramática como sendo uma cena ou uma simbolização feita pela pessoa ou pelo grupo. Para finalizar, o grupo reflete sobre as respostas encenadas, pondera suas características e opta por potencializar alguma delas, tornando-as mais completas e representativas da opinião da maioria.

No jornal vivo procura-se dar um novo tratamento a alguma notícia veiculada pelos meios de comunicação. Uma forma possível de trabalhar para produzir o tecido dramático próprio do jornal vivo é a de ir compondo as cenas de acordo com a versão oficial da notícia e depois introduzir as mudanças que se fizerem necessárias até que ela adquira uma versão satisfatória, na opinião do grupo.

Os jogos dramáticos requerem um tecido criativo e espontâneo ao máximo e que, ao mesmo tempo, não demande um compromisso específico com uma determinada situação ou temática, para facilitar sua integração ou para desenvolver atitudes e habilidades nos participantes. Já o teatro espontâneo é um complexo psicodramático que opera a partir de cenas relatadas por uma ou outra pessoa da platéia, mas não necessariamente encenadas por ela. Em geral, no teatro espontâneo, existe uma equipe de atores espontâneos que encenam as histórias. A história pode ser biográfica, do cotidiano ou imaginária. O teatro espontâneo permite a percepção de alguns aspectos subjacentes na compreensão da realidade, existindo ainda uma preocupação estética.

Os conteúdos curriculares podem ser trabalhados com uma metodologia que os reproduza, que os simbolize e/ou que os remeta ao plano da fantasia. Com o método educacional psicodramático os conteúdos tomam vida, são

analisados e sintetizados, desdobrados, potencializados e dinamizados. As cenas podem seguir uma sequência linear, ou podem atravessar o conteúdo e o espaço, criando uma lógica diferente mas necessária à sua melhor compreensão.

### **Propondo uma didática psicodramática**

A partir das descrições anteriores temos elementos para pensar que, caso todos estes recursos fossem utilizados na hora de lidar com os conteúdos curriculares, teríamos a oportunidade de pesquisá-los e de experimentar abordagens diversas, desde diferentes perspectivas e pontos de vista.

Adriano Nogueira (1993) fala assim sobre as conquistas dos estudantes que participam de um ensino significativo: “Nesta transformação, o que se logra é a multiplicidade de sentidos. Simultaneamente de dizeres. Suas conquistas reivindicadas são conquistas também de um discurso (...) que reúne ser e saber”.

A didática sócio-psicodramática tira o conteúdo de sua versão oficial, permitindo que ele venha a inserir-se em espaços e tempos vinculados às vivências dos alunos, promovendo ainda um maior interesse pela pesquisa. No dizer de Lipmann (1993), as aulas transformam-se em verdadeiras comunidades de investigação.

### **Um conhecimento vivo: um pensamento vivo**

Através desta metodologia, o conhecimento vem a ser adquirido mediante um esforço intelectual, sustentado por um compromisso afetivo, vivido e memorizado através de sensações corporais. Tanto estas quanto o esforço rodeiam o conhecimento de uma forma única e original, porque fica permeado pela subjetividade do grupo de pesquisa. O conhecimento se torna uma conquista coletiva compartilhada.

Segundo Wachowicz (1992), “a comunidade de investigação, em certo sentido, é uma aprendizagem conjunta e, portanto, um exemplo do valor da experiência partilhada. Mas, em outro sentido, representa a exaltação da eficiência do processo de aprendizagem, visto que os alunos que acreditavam na aprendizagem significava do aprender sozinho descobriram que podem utilizar a experiência das outras pessoas e beneficiar-se dela”.

A argumentação com sensibilidade, a análise das variáveis e dos desempenhos cria uma dialética poucas vezes atingida com os recursos mais convencionais. Como já afirmei anteriormente (Romaña, 1992), estamos na presença de um conhecimento que circula junto à própria vida e funde-se com ela. Sabemos porque vivemos e experimentamos os fatos.

Com esta breve exposição sobre a didática sócio-psicodramática, concluímos que o pensamento não segue necessariamente os caminhos das soluções conhecidas. Ele se exercita e se molda com a alegria, a dor, a esperança e o sentimento de injustiça em relação à personagem que estiver sendo representada. Nunca o pensar fica indiferente à situação que provocou o conhecimento.

Como afirma Wachowicz (1989), a prática social à qual se volta ao final do caminho percorrido pelo pensamento é concreta, mas de um concreto pensado, constituído de relações múltiplas e determinações complexas. É um concreto novo, porque pensado. Exercitando criativa e coletivamente, manteremos o pensamento e o conhecimento vivos, experimentando juntos a alegria de sermos pessoas mais integradas e mais comprometidas com nossa circunstância histórica.

### **Referências Bibliográficas**

- LIPMAN, M. *O pensar na educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.  
MORENO, J. L. *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix, 1975.  
ROMAÑA, M. A. *Construção coletiva do conhecimento através do psicodrama*. Campinas: Papirus, 1992.  
WACHOWICZ, L. A. *O método dialético na didática*. Campinas: Papirus, 1989.

### **Resumo**

Este breve artigo pretende valorizar a relação que existe entre a utilização de uma didática baseada nos recursos sócio-psicodramáticos e um pensamento vivo, ou seja, um pensamento que além de levar em conta as limitações da realidade (entendendo por realidade as mais diversas situações), e fazendo uso da espontaneidade, possa avançar no sentido de querer transformá-la. Esse pensamento espontâneo, artístico e criativo é, sem dúvida, um pensamento vivo.

**Palavras-Chave:** Psicodrama, Educação, Didática.

### **Abstract**

This short article intends to value the existing relation between the use of a didactic based in the socio-psychodramatic resources and a live thought. In other words, a thought that besides knowing the limitations of reality (understanding for reality the most diverser situations) and using spontaneity to be able to advance toward its transformation. A spontaneous, critical and creative thought is without doubt a live thought.

**Key-words** – Psychodrama, Education, Didactive.